



CIÊNCIAS HUMANAS

Voleibol Sentado: Uma Revisão de Literatura

Seated Volleyball: a Literature Review

Vitória Crivellaro Sanhotene¹; Janice Zarpellon Mazo¹

RESUMO

O Voleibol Sentado é um esporte paralímpico, que se apresenta como uma alternativa para a inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência na prática esportiva. Esse esporte resultou de uma adaptação do Voleibol Olímpico, mantendo os mesmos princípios de jogo. As adaptações dizem respeito à altura da rede, tamanho da quadra, o bloqueio ao saque, entre outras. O presente estudo teve como objetivo averiguar o cenário da produção científica brasileira online sobre o Voleibol Sentado. Para tanto foi realizada uma revisão bibliográfica das publicações acadêmicas nacionais, em língua portuguesa, sobre a temática do Voleibol Sentado, buscando identificar os enfoques que estavam em evidências entre os anos de 2012 e 2016. Verificou-se que há poucos artigos sobre o Voleibol Sentado, sendo analisados oito estudos, cujos resultados foram agrupados em três categorias: treinamento, aspectos psicológicos e aspectos educacionais. Concluiu-se que existem mais estudos que descrevem sobre o Voleibol Sentado no meio escolar e escassos estudos que falam sobre as outras vertentes dessa modalidade paralímpica.

Palavras-chave: *voleibol adaptado, voleibol sentado, esporte paralímpico, voleibol para pessoa com deficiência.*

ABSTRACT

Sitting Volleyball is a Paralympic sport, which is presented as an alternative for the inclusion of people with some type of disability in sports practice. This sport resulted from an adaptation of Olympic Volleyball and shares its principles. The adaptations are related to net height, court size, serve blocking, among others. This study aims to ascertain the scenario of the Brazilian online scientific production on Sitting Volleyball. In order to identify the approaches taken a bibliographical review of the national academic publications (in Portuguese) on Seated Volleyball, seeking to identify the approaches that were in evidence between 2012 and 2016. Eight studies were analyzed, and the results were grouped into three categories: training, psychological aspects and educational aspects. Although there are few studies that discuss Seating Volleyball, it was concluded that there are more studies that describe Sitting Volleyball in school environment and few studies about the other aspects of this paralympic modality.

Keywords: *adapted volleyball, sitting volleyball, paralympic sport, volleyball for disabled people.*

¹ UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS – Brasil.

1. INTRODUÇÃO

O Voleibol Sentado é um esporte paralímpico, que se apresenta como uma alternativa para a inclusão² de pessoas com algum tipo de deficiência na prática esportiva. Assim sendo, proporciona às pessoas momentos para aprimorar suas potencialidades, aumentar a autoestima, melhorar a socialização, superar frustrações, dentre outros. De acordo com Sanchotene (2017) essa prática é uma adaptação do voleibol olímpico, tendo os mesmos princípios de jogo como, manter a bola no ar, tentar marcar ponto colocando a bola no chão da quadra adversária e defender sua quadra para que isso não ocorra com sua equipe, além de regras como número de substituições dos atletas por set, pontuação de cada set, etc.

A modalidade adaptada do voleibol foi cunhada na Holanda, em 1956, e tem regras diferentes do voleibol olímpico, as quais são estabelecidas pela *World Organization Volleyball for theDisable* (WOVD).³ As regras não diferem muito do voleibol olímpico, no entanto foram estabelecidas considerando a prática para pessoas com diferentes deficiências. De acordo com Jade (2016), podem competir no voleibol sentado jogadores amputados, paralisados cerebrais, lesionados na coluna vertebral e pessoas com outros tipos de deficiência locomotora.

Diante dessas considerações, o presente estudo tem como objetivo averiguar o cenário da produção científica brasileira *online* sobre o Voleibol Sentado dos últimos cinco anos (2012-2016). A escolha do período de tempo justifica-se com base nas recomendações dos órgãos de fomento da pesquisa no Brasil: da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (CNPq). Por meio de uma revisão bibliográfica busca-se localizar e categorizar estudos realizados sobre o Voleibol Sentado, destacando os enfoques que estão em evidência na produção científica *online* brasileira.

2. MÉTODO

O presente estudo se constitui como uma pesquisa de caráter bibliográfico, que investigou na base de dados *Google Acadêmico*⁴ as publicações brasileiras acerca do Voleibol Sentado no período de 2012 a 2016. Os procedimentos da pesquisa ocorreram em duas etapas, sendo elas: a) Seleção de estudos (teses, dissertações, Trabalho de Conclusão de Curso e artigos científicos) que possuíam em seu título, ou em seu resumo, ou nas palavras-chave os termos Vôlei Sentado, Voleibol Sentado e Voleibol Adaptado; b) Identificação dos trabalhos que apresentavam alguma descrição sobre esses termos no corpo do trabalho para serem incluídos na pesquisa.

Foram encontrados 281 estudos na busca por título, resumo e palavras-chave. Destes apenas oito atingiram os critérios por haver alguma definição teórica ou informação sobre o assunto para que validasse o trabalho para utilização. De tal modo, oito estudos foram selecionados para análise, sendo

² O termo inclusão designa a educação de alunos portadores de deficiência num ambiente educacional regular (WINNICK, 2004, p. 11).

³ Altura da rede (1,15m para homens, 1,05m para mulheres); tamanho da rede (6.50 a 7.00m de comprimento e 0.80 de largura); o tamanho da quadra de Voleibol Sentado é 10x6m; é permitido bloquear o saque adversário; deve-se manter a pelve encostada ao chão durante as jogadas e execução dos fundamentos, mas é permitida uma pequena perda de contato do glúteo com a quadra quando a bola estiver mais alta que o bordo superior da rede, exceto no saque, bloqueio e ataque; é permitida a ocorrência do contato das pernas de jogadores de um time com os jogadores do outro time, se não for interferir na jogada do adversário.

⁴ <http://scholar.google.pt>

eles: cinco artigos, um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado. Na tabela abaixo, destacamos os resultados selecionados para análise em ordem cronológica, explicitando um panorama dos achados por tipo de estudo, título, autores e ano de publicação.

Tabela 1

Tipo de estudo	Título	Autor (es)	Ano publicação
Tese de Doutorado	Livro didático como tecnologia educacional: uma proposta de construção coletiva para a organização curricular do conteúdo Voleibol	Fernanda Moreto Impolcetto	2012
Dissertação de Mestrado	O esporte adaptado como conteúdo nas aulas de Educação Física	Leonardo Miglinas Cunha	2013
Artigo	Indicadores de desempenho no Voleibol Sentado	Marcelo de Castro Haiachi; Bruno Ribeiro Ramalho Oliveira; Marcos Bezerra de Almeida; Tony Meireles Santos	2014
Trabalho de Conclusão de Curso	Avaliação do equilíbrio dinâmico e estático em jogadores de Vôlei Sentado com amputação transfemoral unilateral adaptados a prótese convencional	Helmorany Nunes de Araújo	2014
Artigo	Possibilidades para a transformação do esporte em aulas de Educação Física: uma experiência com o Voleibol Sentado	Cícera Andreia de Souza; Rafaella Righes Machado	2014
Artigo	Pessoas com deficiência física e os benefícios da prática do Vôlei Sentado	Márcia Rafaella Graciliano dos Santos Viana; Lucas Tavares dos Santos Chaves; Thalles Albert Jarsen de Melo Santos Pereira	2015
Artigo	Educação Física adaptada para alunos paraplégicos: inclusão no meio escolar	Brunna Giannetti Blaso	2016
Artigo	O ensino do voleibol sentado nas aulas de educação física escolar	Tiago Borgmann; Luís Gustavo de Souza Pena; José Júlio Gavião de Almeida	2016

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Após a elaboração da tabela acima, na direção de realizarmos a análise das informações, buscamos embasamento na pesquisa de Souza, Silva e Moreira (2016), a qual trata de um levantamento sobre a produção científica *online* brasileira de todos os esportes paralímpicos. Os autores (2016) da referida pesquisa cunharam categorias agrupando os temas identificados sobre os esportes paralímpicos, a saber: 1) Treinamento; 2) Iniciação Esportiva e Categorias de Base; 3) Saúde; 4) Aspectos Educacionais; 5) Administração; 6) Financiamento e Políticas Públicas; 7) Lazer; 8) Regras e Arbitragem; 9) Técnicos e Treinadores; 10) Aspectos Sociais; 11) Culturais e Históricos; 12) Aspectos Psicológicos; 13) Aspectos Nutricionais. Tais categorias embasaram a apreciação dos oito estudos sobre voleibol sentado que, por sua vez, foram dispostos em três categorias apresentadas por Souza, Silva e Moreira (2016, p. 1107), a saber:

- a) Treinamento: espaços e equipamentos relacionados à performance; aperfeiçoamento motor e aspectos fisiológicos, técnicos, táticos e biomecânicos relacionados com o rendimento; b) Aspectos Psicológicos: motivação, emoções, autoimagem, transtornos psicológicos/ alimentares, personalidade, concentração, comportamento e humor; c) Aspectos Educacionais: aspectos pedagógicos e educacionais do esporte na escola e em processos de escolarização.

Na sequência, apresentamos os resultados obtidos no presente estudo, nas respectivas categorias.

a) Treinamento

No que concerne a categoria Treinamento, foi localizado um artigo que abordou os indicadores de desempenho no esporte e um TCC sobre avaliação do equilíbrio dinâmico e estático em jogadores de Voleibol Sentado. O estudo de Haiachi et al (2014) discorre sobre a avaliação dos fundamentos do esporte Voleibol Sentado por meio da aplicação de estatística descritiva sobre as ações de jogo que geram ponto: saque, ataque, contra-ataque, bloqueio e erros da equipe adversária. A partir da análise dos autores (2014), o resultado explicitado foi de que os fundamentos mais efetivos são, respectivamente, o ataque, o contra-ataque, o bloqueio e por fim, o saque.

Durante a discussão dos resultados, Haiachi et al (2014) relacionam o Voleibol Sentado com pesquisas feitas sobre o voleibol olímpico. Apontam que algumas conclusões divergem de uma modalidade para outra, pois as regras do Voleibol Sentado têm algumas especificidades, como por exemplo: possibilidade de bloquear o saque, fato que diminui o potencial de pontuação neste fundamento, ao contrário do voleibol olímpico, no qual não é possível bloquear o saque adversário, gerando mais pontos. Ao longo da pesquisa, Haiachi et al (2014) evidenciam que o ataque e o contra-ataque são as ações de jogo mais pontuadas; depois disso, o que mais pontua são os erros dos adversários. A fim de comparar os dados citados, verificamos estudos sobre os resultados em função dos fundamentos do voleibol olímpico. Segundo Junior (2013), no voleibol olímpico o fundamento ataque também é o que mais pontua seguido do fundamento bloqueio.

Conhecer os aspectos que nos mostram os indicadores de desempenho das equipes contribui para uma melhor reflexão sobre a dinâmica do jogo no que diz respeito a quais os fundamentos mais importantes de aprimorar e qual a relevância que os erros têm ao longo da partida. De tal modo, os técnicos podem prescrever treinos visando desenvolver os aspectos técnicos da equipe, pois a descrição sobre desempenho é válida para o esporte de rendimento. As diferentes formas de avaliar estatisticamente as equipes servem para especializar ainda mais o esporte em geral. Com relação ao uso de procedimentos tecnológicos, Collet et al. (2011) citado por Haiachi et al afirmam:

A tecnologia vem acompanhando o voleibol convencional, mas no Voleibol Sentado, por ser uma modalidade recente, todas as informações produzidas são ainda

norteadas pelo conhecimento tácito dos integrantes da comissão técnica e atletas o que dificulta a produção de informações precisas, relevantes e confiáveis.

Em busca de uma relação com o estudo de Haiachi et al (2014), que analisa os fundamentos do Voleibol Sentado, aludimos o livro de Winnick (2004), o qual disserta sobre diferentes estratégias de medidas e avaliação no paradesporto como um todo, incluindo, portanto, o Voleibol Sentado. Neste livro, o autor (2004) apresenta temas sobre a aptidão física, envolvendo avaliações de capacidade aeróbica, força, resistência muscular, flexibilidade e composição corporal. Todos esses aspectos podem servir para auxiliar no processo de treinamento dos atletas visando melhor desempenho e melhores resultados nas partidas. Além disso, o autor (2004) nos mostra que podem ser feitas anotações de score por treino e, deste modo eleger classificações, possibilitando perceber se ocorre melhora nos padrões de movimento dos atletas ao longo dos treinos.

Outro estudo localizado na revisão bibliográfica é a pesquisa de Araújo (2014), que versa sobre a avaliação do equilíbrio estático e do equilíbrio dinâmico de oito jogadores de Voleibol Sentado amputados transfemorais, os quais são comparados com oito jogadores não amputados, sendo esse o grupo controle. A amostra consiste em pessoas com idade entre 22 e 43 anos, sendo que quatro pessoas foram amputadas por conta da Neoplasia⁵ e outras quatro amputadas em decorrência de algum trauma. O estudo explica o que é a amputação⁶, bem como o impacto que uma amputação causa na vida de uma pessoa. Em seguida esclarece que como a amputação transfemoral ocorre entre a articulação do joelho e o quadril existe uma mudança do centro de gravidade e do centro de massa, o que gera uma alteração no equilíbrio do indivíduo. Sendo assim, os testes de equilíbrio tanto estático, quanto dinâmico, apresentaram diferenças nos resultados dos jogadores amputados em relação aos não amputados, onde o primeiro grupo:

[...] obteve maior tempo de reação, menor velocidade, maior tempo na execução de giros, menor controle direcional, maior oscilação do Centro de Gravidade, menor ponto de excursão final e excursão máxima, menor força, assimetria entre os membros, menor largura e comprimento do passo, e maior tempo nos testes de giro em relação ao segundo grupo [...]. (ARAÚJO, Helmorany, 2014. p. 22).

Este estudo colabora com as pesquisas sobre equilíbrio e tem como novidade a temática do equilíbrio dinâmico em jogadores com membros inferiores amputados, dando uma melhor visão de funcionalidade, pois a maioria dos estudos sobre equilíbrio discorre sobre o estático. Ademais, o estudo alude que o treinador deve estimular exercícios de equilíbrio com seus atletas para melhor desenvolvimento na prática esportiva e assim melhorar o rendimento nas competições. Além disso, deve treiná-los para o dia a dia, visando melhorar a relação do atleta com o próprio corpo em movimento, isto é, um treinamento funcional para os amputados.

b) Aspectos Psicológicos

Sobre os aspectos psicológicos foi localizado apenas um artigo a respeito dos benefícios da prática do Voleibol Sentado publicado na revista dos Anais do VI Encontro Alagoano de Educação Inclusiva. O artigo de Viana, Chaves e Pereira (2015), menciona sobre a qualidade de vida de pessoas com deficiências, expondo que, cada vez mais, elas manifestam a vontade de praticar esportes em busca da melhoria da qualidade de vida, bem-estar físico e psicológico. Ainda, verificam os motivos que

⁵ Neoplasia é uma **proliferação anormal, autônoma e descontrolada de um determinado tecido do corpo.**

⁶ Para Gualberto HD, citado por Araújo (2014), a amputação é a retirada cirúrgica ou traumática, parcial ou total de um segmento corpóreo.

induzem as pessoas com deficiência a praticar o Voleibol Sentado e de que forma essa prática influencia em suas vidas. Utilizando entrevistas realizadas com 14 sujeitos, sucedeu-se uma análise qualitativa descritiva para compreensão dos dados.

Como resultado, os autores (2015) apresentam várias justificativas dadas pelas pessoas com deficiência para praticarem o Voleibol Sentado, seja por saúde, melhora da disposição, diminuição do cansaço, por ser prazeroso, por incentivo de um professor ou por gostarem de competir e participar de torneios. Todavia, a resposta que obteve maior incidência foi de que eles praticam por amizade, ou seja, fortalecer vínculos novos ou já existentes. Por todos esses motivos, os praticantes afirmam que o esporte adaptado mudou a vida deles para melhor, bem como mencionaram nas entrevistas o quanto eles amam essa prática, que tem muita relevância em suas vidas. Percebe-se que o esporte coletivo ajuda na interação social do indivíduo, além de trazer outros benefícios apontados por Werneck (citado por Viana, Chaves e Pereira, 2015, p. 3) como, por exemplo: "melhoria no estado de humor, como a diminuição de tensão/ansiedade, depressão e raiva e aumento no vigor que podem durar horas após os exercícios e que a repetição destes efeitos em longo prazo traria efeitos positivos para a saúde".

c) Aspectos Educacionais

Com relação aos aspectos educacionais, foram selecionados cinco estudos: uma dissertação de mestrado, dois artigos, um TCC em formato de artigo e uma tese de doutorado em formato de livro didático.

A dissertação intitulada "O esporte adaptado como conteúdo nas aulas de Educação Física" (Cunha, 2013), descreve sobre o processo de ensino do esporte adaptado na escola, além de analisar em que medida essa prática pode favorecer o processo de inclusão das pessoas com deficiência, em uma turma com idade entre 10 e 13 anos. Neste estudo são evidenciadas duas crianças com deficiência: uma com paralisia cerebral do tipo Atetose (deficiência físico-motora, na qual o indivíduo tem movimentos corporais involuntários) e outra com baixa visão (sem especificação do grau). Para coletar informações dos alunos, Cunha (2013, p. 172) entregou uma folha para cada um, contendo uma breve explicação de quando começou o esporte adaptado e em seguida colocou pontos importantes de destacar, como: "o esporte paralímpico é praticado por pessoas que possuem três tipos de deficiência: física, visual e mental". A explicação foi descrita nos seguintes termos: Há pessoas que nasceram com deficiência física ou ficaram depois de um acidente ou por doença com alguma sequela que os impede de realizar os movimentos do corpo com eficiência como, por exemplo, amputação, lesão na coluna que os impede de andar. A deficiência visual é identificada como baixa visão ou cegueira total de nascença ou por doença ou acidente. Já a deficiência mental pode ser de nascença ou por acidentes ou doenças que os fazem ter a parte do cérebro responsável pela inteligência afetada.

É de extrema importância no meio escolar apresentar aos alunos o que é o esporte paralímpico, mesmo que de forma sucinta como fez Cunha (2013). Tal procedimento didático-pedagógico possibilita que os alunos ampliem o campo de entendimento sobre o assunto. Além disso, dá visibilidade a um tema que é importante para promover o respeito por pessoas diferentes e, também, desconstruir possíveis preconceitos que por ventura podem estar enraizados em seus pensamentos. Com relação aos professores, o referido estudo (2013) demonstra que alguns deles têm dúvidas sobre o assunto inclusão, pois não conseguem visualizar a potencialidade das pessoas com deficiência e,

muitas vezes, não acreditam que possam alcançar metas complexas. Mas é importante que os professores percebam que as crianças com deficiência apresentam condições de executar as atividades e praticar esportes adaptados juntos com seus colegas sem deficiência, colaborando para a socialização de todos.

Por iniciativa do professor Alberto Costa, foi realizado na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em 2010, o projeto "Dia Escolar Paraolímpico", que tinha como objetivo proporcionar aos alunos do Ensino Fundamental o conhecimento das 20 modalidades paraolímpicas e a experiência de participar de quatro dessas modalidades: bocha, basquetebol em cadeira de rodas, voleibol sentado e goalball. Esta iniciativa estava associada à produção de uma dissertação de mestrado orientada pelo professor Alberto Costa. Para obter os resultados o autor (Cunha, 2013) registrou os momentos com fotografias, escreveu diários de campo e fez uma entrevista semi-estruturada com os alunos e com o professor de Educação Física responsável pela turma. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas buscando entender o que eles concluíram sobre o novo conteúdo ser abordado na escola e se o mesmo alcançou um sentido pedagógico.

Como resultado, o autor (Cunha, 2013) nos mostra que o esporte adaptado, no caso mais específico do Voleibol Sentado, deve ser praticado e experimentado dentro do espaço escolar, mas que ainda é pequena a quantidade de experiência prática e teórica na escola quando comparada aos esportes olímpicos e, principalmente, em relação ao voleibol, basquetebol e futsal. Contudo, o estudo mostra que existem escolas preocupadas com essa vertente escolar e que estimulam os alunos a pensar na inclusão, visto que praticamente todas as modalidades olímpicas podem ser adaptadas. Alguns professores levaram como novidade aos alunos, a prática do Voleibol Sentado, com suas características, regras e possibilidades de ressignificações, além de outros esportes paralímpicos. Nas entrevistas, Cunha (2013) verificou que existiam alunos que já tinham visto essa prática na televisão e um aluno comentou sobre como muda o equilíbrio quando se joga sentado. O professor responsável pela turma manifestou na entrevista que percebeu o quanto seus alunos superaram seus limites e que as atividades inclusivas geraram um "novo fôlego" para a prática pedagógica. Esse tipo de atividade e vivência propicia momentos de aproximação entre os indivíduos com e sem deficiência.

O livro didático de Impolcetto (2012), oriundo de sua tese de doutorado, trata o voleibol como elemento da cultura corporal, assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) o descrevem, corroborando com o estudo analisado acima. Desta forma, a autora (2012) percebeu que ao longo de sua trajetória muitos professores ensinavam o voleibol de modo geral (olímpico/convenção e sentado) como conteúdo em suas aulas de Educação Física nas escolas. Nesta direção, sua intenção na pesquisa era identificar e materializar a organização dos conteúdos curriculares; talvez, por isso, o assunto principal do livro foi o voleibol convencional e, em alguns capítulos, o tema sobre Voleibol Sentado. Destacamos que a autora avalia o voleibol como um esporte que incentiva os alunos a reconhecer seus próprios limites, bem como as limitações dos colegas, envolvendo valores como solidariedade, honestidade, responsabilidade, espírito de equipe, entre outros aspectos.

No que concerne aos esportes adaptados, no livro são relacionados materiais diversificados e jogos de inclusão, o que pode ser viabilizado com a diminuição da quadra e adaptações das regras, por exemplo. A autora afirma (2012) que é importante discutir o papel do esporte na escola e, seguindo nessa ideia, o tema da diversidade e inclusão pode ser utilizado como conteúdo da dimensão conceitual com os alunos de 9º ano do Ensino Fundamental, mas que a preocupação com a inclusão

deve ocorrer em todos os anos de ensino, incentivando os valores éticos e democráticos. Ainda para o 9º ano como dimensão conceitual é indicado que se vivencie a inclusão por meio das modalidades paralímpicas, no caso Voleibol Sentado, e assim fazer com que os alunos conheçam as peculiaridades do jogo.

Quando aborda a seleção dos conteúdos do voleibol, a autora (2012) descreve a importância da valorização dos deficientes físicos e afirma: “a experiência de jogar Voleibol Sentado é muito diferente da vivência do voleibol convencional” (p. 192). Essa diferença se dá, inicialmente, por estar em uma posição pouco comum para a prática esportiva em relação ao que os alunos estão acostumados. Vale ressaltar que segundo Pedrinelli e Teixeira, citado por Melo (2014), “a atividade física, seja com fins recreativos ou esportivos, pode colaborar decisivamente no processo de reabilitação ao modificar a maneira pela qual a pessoa com amputação se percebe e é percebida” (p. 32). Também cabe mencionar que a autora (2012) contempla uma breve história sobre o Voleibol Sentado, descrevendo que a modalidade instituída na Holanda, em 1956, a partir de 1980, foi incluída nos Jogos Paralímpicos.

O terceiro estudo relacionado à escola é o de Souza e Machado (2014), que escreveram um artigo intitulado “Possibilidades para a transformação do esporte em aulas de Educação Física: uma experiência com o Voleibol Sentado”. O artigo mostra que nem todos têm acesso ao esporte institucionalizado com regras e situações de alto rendimento e que, desta forma, essa visão de esporte não precisa ser tão rígida ao ser apresentada para as crianças na escola, pois acaba deixando os alunos na condição de espectadores mais do que como praticantes de alguma modalidade por prazer/lazer. O estudo foi realizado em uma escola estadual do estado do Rio Grande do Sul e teve como objetivo incentivar os estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental a praticar esporte adaptado com os materiais que têm na escola. Mais especificamente sobre o Voleibol Sentado, não se considerou necessário reproduzi-lo como é visto nos Jogos Paralímpicos, com as regras institucionalizadas, ou seja, praticar o esporte “independentemente de padrões estipulados” (Souza e Machado, 2014, p. 23).

Dentre os esportes adaptados, o referido artigo trata do Voleibol Sentado, a fim de ensiná-lo na escola como conteúdo da disciplina Educação Física. Inicialmente, as autoras (Souza e Machado, 2014) destacam a facilidade de ensinar o Voleibol Sentado, podendo ser realizado em qualquer ambiente escolar, precisando apenas fazer os alunos sentarem e diminuir a altura da rede. Além disso, destaca que o intuito é fazer os alunos refletirem sobre as pessoas serem diferentes, mas que todos têm suas potencialidades, ou seja, tornar as aulas de Educação Física um ambiente de conscientização e de inclusão para os alunos. O fato de quem não tem deficiência também experimentar jogar sentado faz os alunos terem uma visão crítica do esporte e se colocar no lugar do outro. Deste modo, quem tiver a oportunidade de praticar Voleibol Sentado, independente de ter ou não deficiência, além de conhecer a modalidade paralímpica – visto que muitas crianças, adolescentes e até mesmo adultos nunca viram esta prática esportiva – também poderão conhecer as diferenças que existem do esporte adaptado para o convencional.

A iniciativa de apresentar aos alunos o Voleibol Sentado é válida e gera frutos para tornar pessoas mais conscientes. Assim, as crianças que tiveram aulas percebendo que é possível transformar o esporte em algo para todos, serão adultos com mais vivências para desenvolverem a importância de não julgar o outro, não menosprezar e não se colocar acima de ninguém, e poderão fazer o possível para ajudar o próximo e estimular a aprendizagem do colega. Considera-se que ao estabelecer como

estratégia de ensino e inclusão o esporte adaptado permite-se um vasto campo de aprendizagens para os alunos com e sem deficiência. Segundo Beyer (2006, p. 55):

O conceito de diferença sinaliza para as situações individuais [...], inclui estados individuais carregados de potencialidades, habilidades e, também, adversidades, assim como qualquer aluno na escola dispõe, em sua individualidade, de um espectro de habilidades e limitações.

Todavia, não se pode homogeneizar a prática docente e esperar que todos os alunos alcancem aos objetivos propostos da mesma forma. Cada aluno terá seu tempo e sua maneira de desenvolver suas potencialidades, sendo função do professor oferecer recursos para que este processo aconteça. No entanto, para que o professor se sinta seguro para incluir em sua prática os esportes adaptados, é preciso que haja formação. A inclusão escolar é dever de todas as áreas e segmentos da escola e, com isso, as políticas educacionais devem estar atentas ao que se oferece como novidade nesta área, como a possibilidade de realizar o esporte adaptado, e tentar prover os aspectos pedagógicos necessários para esta efetuação.

As autoras (2014) explicitam que “os alunos concluíram que era possível jogar e que o jogo era divertido” (p. 29), quando elas pediram para eles tentarem jogar o Voleibol Sentado pensando em que eles fossem pessoas que não conseguissem caminhar. Além disso, evidenciaram que “os alunos mostraram-se satisfeitos com o jogo, avaliaram a prática como positiva” (p. 30). O estudo acima referido corrobora com o propósito de realização desse estudo de revisão, que é destacar e prestigiar o esporte adaptado, por considerá-lo uma fonte de conhecimento, de disciplina, de reconhecimento pessoal e de perceber que todos têm competência para executar diferentes tarefas, realizando apenas algumas adaptações, de acordo com as necessidades dos indivíduos.

Outro estudo referente à temática escolar é o artigo escrito por Borgmann, Pena e Almeida (2016). O objetivo desse artigo foi verificar a visão dos professores de Educação Física sobre o ensino do Voleibol Sentado nas aulas no ensino fundamental. Os autores (2016) analisaram as aulas de educação física de oito professores, pedindo que os mesmos inserissem em seus cronogramas, quando oportuno, o conteúdo Voleibol Sentado. Após seis meses, foram realizadas entrevistas com estes professores, que responderam no item “conhecimento e formação em esporte paralímpico”, o seguinte: a) O primeiro contato com esporte adaptado foi na graduação (professores 1 e 6); b) O contato foi durante sua formação, considera que teve somente o básico sobre esporte para pessoas com deficiência (professor 2); c) O contato foi antes da graduação, já tinha visto pela televisão e mídia algo sobre esporte paralímpico (professores 4 e 5); d) Teve disciplina na graduação sobre esporte adaptado (professor 7).

Estes resultados tornam evidente como os professores de Educação Física, tiveram poucos momentos de conhecimento sobre o esporte paralímpico. De tal constatação emergem alguns questionamentos: por que essa diferença em relação aos esportes olímpicos; como podemos ser profissionais capacitados para trabalhar com pessoas com deficiência, se estudamos pouco o assunto. Faz-se necessário instigar os professores a conhecerem a adaptabilidade das modalidades, pelo menos daquelas que tem mais afinidade.

Outro fato a ser destacado é o de que poucos professores conheciam antes de ingressarem nos cursos de graduação em Educação Física a temática do Voleibol Sentado. Conforme o estudo de Borgmann, Pena e Almeida (2016), apenas um professor entre os oito entrevistados já tinha ministrado conteúdos

sobre o Voleibol Sentado nas aulas de Educação Física. Embora apenas um já tivesse essa experiência, todos os entrevistados disseram que acreditam que o Voleibol Sentado deve ser um conteúdo escolar.

Os autores (2016) destacam que pode ser incrementada aos poucos a forma de jogar sentado, para que seja incorporado, com o tempo, ao acervo motor dos alunos. Todos os professores fizeram aulas a partir de uma visão lúdica e participativa, visando o melhor aproveitamento dos alunos durante as atividades de Voleibol Sentado. Os professores relataram que esta modalidade é de fácil aplicabilidade na escola tanto por conta de materiais quanto pela aceitação dos alunos para a prática. As dificuldades que foram apontadas fazem menção à técnica dos gestos específicos do voleibol (saque, manchete, toque, cortada, bloqueio).

Melo (2014) afirma que a criança deve interagir com o mundo, deve brincar, jogar, experimentar e que a criança com deficiência muitas vezes é privada dessas oportunidades de aprendizagem. Para corroborar com essa ideia, Melo cita Moran e Block (2010), que defendem o posicionamento de que os entraves feitos na vida de uma criança com deficiência física pode ser feita pelas próprias famílias que a superprotegem, as dificuldades das formações dos professores para lidar corretamente com pessoas com deficiências e desinteresse da criança por medo do fracasso. E, ao serem pouco estimuladas motoramente, as crianças com deficiência física acabam por ter um desenvolvimento motor defasado.

O estudo de autoria de Blaso (2016), assim como o anterior, consiste em uma dissertação de mestrado intitulada "Educação física adaptada para alunos paraplégicos - inclusão no meio escolar". O objetivo deste estudo foi promover aulas lúdicas para as crianças, incluindo os alunos com paraplegia nas atividades da turma. Para tal, o conteúdo de Voleibol Sentado foi o escolhido pelo fato de ele ser uma das modalidades adaptadas mais procuradas pelos paraplégicos. Esse estudo (2016) buscou mostrar aos professores, pais e alunos a pertinência da inclusão em meio escolar como maneira de diminuir o preconceito. A autora (2016) concluiu que "é possível a inclusão do aluno paraplégico nas aulas de Educação Física através de jogos como o voleibol". E, corroborando com estudos acima analisados, salienta que os professores ainda estão despreparados para a inclusão, mas que a inclusão hoje em dia já está ocorrendo nas escolas com maior força em relação ao passado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os esportes olímpicos são apresentados nos diferentes canais da mídia, seja pela televisão, pela internet ou pelos jornais e revistas, no entanto pouco é exibido sobre o esporte adaptado e paralímpico. Isso também se reflete no número de publicações existentes quando se compara esporte olímpico com o esporte paralímpico. Por conseguinte, em relação também ao Voleibol Sentado também se evidencia escassas publicações científicas, pois foram utilizados oito estudos que discorriam sobre essa área de conhecimento durante o período de 2012 e 2016.

De acordo com os resultados apontados nesse estudo, considera-se que, de uma forma geral, as pesquisas relacionadas ao Voleibol Sentado apontam para três abordagens predominantes: a de treinamento, a psicológica e a escolar. A temática escolar é a que apresenta maior número de resultados, seguida do assunto treinamento e, por fim, aspectos psicológicos. No entanto, esperava-se encontrar múltiplos campos da Educação Física que abordassem mais aprofundadamente o Voleibol Sentado como, por exemplo, em relação a megaeventos, políticas públicas, projetos sociais, dentre outros. Destaca-se, por exemplo, a ausência de estudos socioculturais sobre o percurso de atletas,

homens e mulheres, treinadores de equipes e outros profissionais, pois essas pessoas podem colaborar compartilhando experiências pioneiras sobre o desenvolvimento das modalidades esportivas adaptadas às pessoas com deficiência no Brasil. Sabe-se que o processo histórico de ensino e treinamento do esporte paralímpico no Brasil é tardio em relação a vários países e os professores e treinadores enfrentaram distintos obstáculos.

Por fim, cabe mencionar que o presente estudo apresenta limitações, sendo uma delas o fato de a pesquisa localizar estudos em apenas uma base de dados, o *Google Acadêmico* e outra foi abranger apenas um dos esportes paralímpicos. Diante de tal constatação sugerem-se novos estudos com maior abrangência na coleta dos dados e com relação a outros esportes adaptados. Apesar disso, salienta-se a relevância de focar o assunto, que mostra-se atual, pois afinal o Brasil realizou os Jogos Paralímpicos de 2016 no Rio de Janeiro, mas também, porque acredita-se que a prática do esporte adaptado e paralímpico atua como meio de socialização e conscientização de todos os alunos e indivíduos, não apenas daqueles que tem deficiência.

4. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Helmorany Nunes de. **Avaliação do Equilíbrio Estático e Dinâmico em Jogadores de Vôlei Sentado com Amputação Transfemoral Unilateral Adaptados à Prótese Convencional.** Brasília, UnB, 2014. TCC, Faculdade de Ceilândia, Curso de Fisioterapia, Universidade de Brasília, 2014.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

BLASO, Brunna Giannetti. **Educação Física Adaptada Para Alunos Paraplégicos Inclusão no Meio escolar.** Barra do Piraí, UGB, 2016. TCC, Graduação em Educação Física, Instituto Superior de Educação, Centro Universitário Geraldo diBiase, Barra do Piraí, 2016.

BORGMANN, Tiago; PENA, Luís Gustavo de Souza; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. O Ensino do Voleibol Sentado nas Aulas de Educação Física Escolar. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Campinas, v. 17, n. 2, p.9-16, maio 2016.

CUNHA, Leonardo Miglinas. **O esporte adaptado como conteúdo nas aulas de educação física.** Vitória, UFES, 2013. Dissertação, Mestrado em Educação Física, Currículo e Cotidiano Escolar, Curso de Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

GONÇALVES, Liana Souza Vasconcelos. **A família e o portador de transtorno mental: estabelecendo um vínculo para a reinserção à sociedade.** Manhuaçu: UFMG, 2010. Monografia, Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família, Núcleo de Educação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

HAIACHI, Marcelo de Castro; OLIVEIRA, Bruno Ribeiro Ramalho; ALMEIDA, Marcos Bezerra de; SANTOS, Tony Meireles. Indicadores de desempenho no Voleibol Sentado. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 25, n. 3, p.335-343, set. 2014.

IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. **Livro didático como tecnologia educacional: uma proposta de construção coletiva para a organização curricular do conteúdo voleibol.** Rio Claro, UNESP, 2012. Tese, Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/106313>>.

JADE, Líria. **Paralimpíadas: conheça as regras do vôlei sentado.** Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/esportes/rio-2016/2016/08/paralimpiadas-conheca-regras-do-volei-sentado>>. Acesso em: 17 de maio de 2017.

JUNIOR, Nelson Kautzner Marques. Evidências científicas sobre os fundamentos do voleibol: importância desse conteúdo para prescrever o treino. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício (RBPFE)**, v. 7, n. 37, p. 78-97, 2013.

MALTA, Deborah Carvalho. **Buscando novas modelagens em saúde:** as contribuições do Projeto Vida e do Acolhimento na mudança do processo de trabalho na rede pública de Belo Horizonte, 1993-1996. Campinas, Unicamp, 2001. Tese, Doutorado em Saúde Coletiva, DMPS/FCM/Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MELO, Flávio Anderson Pedrosa de. **Influência de um programa de iniciação esportiva em crianças com deficiência física.** São Carlos, UFSCar, 2014. Dissertação, Mestrado em Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

SANCHOTENE, Vitória Crivellaro. **Voleibol Sentado:** uma revisão da literatura. Porto Alegre: UFRGS, 2017. TCC, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Curso de Educação Física Bacharelado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SOUZA, Cícera Andréia de; MACHADO, Rafaella Righ Es. Possibilidades Para A Transformação Do Esporte Em Aulas De Educação Física: Uma Experiência Com O Voleibol Sentado. **Revista Biomotriz**, Cruz Alta, v. 8, n. 2, p.22-33, dez. 2014.

SOUZA, Doralice Lange; SILVA, Marcelo Moraes e; MOREIRA, Tatiana Sviesk. **O perfil da produção científica online em português relacionada às modalidades olímpicas e paralímpicas. Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 1105-1120, dez. 2016. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/64591>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

VIANA, Márcia Rafaella Graciliano dos Santos; CHAVES, Lucas Tavares dos Santos; PEREIRA, Thalles Albert Jarsen de Melo Santos. Pessoas Com Deficiência Física E Os Benefícios Da Prática Do Vôlei Sentado. **Anais do VI Encontro Alagoano de Educação Inclusiva/i Encontro Nordestino de Inclusão na Educação Superior**, Maceió, p.1-4, dez. 2015.

WINNICK, Joseph. **Educação física e esportes adaptados.** Rio de Janeiro: Editora Manole Ltda, 2004.